

A VISÃO DE FELICIDADE NO LIVRO QOHELET RELACIONADA AOS QUESTIONAMENTOS DE FELICIDADE

Aluna: Cláudia Nascimento de Oliveira
Orientadora: Maria de Lourdes Corrêa Lima

Introdução

A pesquisa foi desenvolvida através da análise do livro de Qohelet relacionado à felicidade. O aspecto principal foi considerar que a busca da felicidade encontrada em Qohelet é atual diante do mundo em que vivemos.

Objetivos

O objetivo do trabalho é, através da exegese do livro de Qohelet relacionado a aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos da sua época, mostrar que apesar da evolução da sociedade humana, o seu pensamento e a sua sensibilidade, está muito próxima ao homem do nosso tempo porque seus questionamentos são os mesmos do homem atual.

Metodologia

A primeira parte do trabalho foi realizada a partir da análise de um trecho do livro de Qohelet. A exegese de Ecl 3,1-8 nos permite uma estupenda meditação lírica sobre o tempo, essa seqüência poética se abre com uma das estrofes mais célebres de Qohelet uma ladainha de “tempos” extremos do existir humano. Num eixo predeterminado roda o disco uniforme dos acontecimentos; o seu inexorável desenvolver-se é monótono como som repetido, implacável como o fluir de filtragem, estridente como gesto de demolição. Sobre esse torvelinho sem fim se eleva o pedido radical de sentido que Qohelet apresenta como já o apresentara na abertura geral de seu livro (1,3): “Que valor tem tudo isso?”.

O tempo, diversamente do espaço, inere ao homem e não só adere a ele. Apesar disso, essa qualidade tão intrínseca não é dominável, escapa ininterruptamente e parece inexistente, já que desliza para o nada, apenas pronunciada. A escravidão e a impotência do homem diante do tempo são pintadas por Qohelet com feroz resignação. O fluxo dos dias é inalterável, “não se pode acrescentar nada nem tirar”, todo “recipiente temporal já foi enchido por Deus. Não existe coisa alguma a descobrir a fim de desviá-lo para outra foz. O fluxo dos dias é também incompreensível: o homem não “consegue apreender o início e o fim” e, portanto, todo o arco do tempo e do criado. Não obstante, ele tem em si a idéia do eterno e do infinito.

A segunda parte do trabalho foi realizada a partir de todo livro de Qohelet. A análise feita na primeira parte foi comparada ao contexto geral e o resultado obtido foi relacionado aos questionamentos de felicidade do homem atual.

Conclusões

O sábio procura a felicidade num mundo governado por Deus de maneira desnorteante e incompreensível, visto que nele reinam a morte, a maldade e a insegurança.

Em várias ocasiões, enquanto leva ao grande dia toda a vaidade deste mundo, Qohelet declara ter encontrado uma realidade mais ou menos sólida; reconheceu e verificou que não há satisfação para o homem a não ser no comer, beber e gozar da felicidade graças ao próprio trabalho. Experimentou pessoalmente esta felicidade e viu homens que a conheceram efetivamente. Durante muito tempo, em todos os textos, ele a apresenta de maneira restritiva; é que ela é limitada aos poucos dias de vida dado por Deus; obtém-se uma “parte”, quando se

desejaria que fosse sem fim. Mas precisamente devemos alegrar-nos com a felicidade que se obtém no dia-a-dia, sem olhar muito longe para frente: “No dia do bem-estar, goze da felicidade” (7,14). Ela é bastante consistente para que não se pense muito na brevidade da vida (5,19); tem suficiente fundamento para que seja “louvada” e celebrada (8,15). Confere à existência um sentido imediato e livra o homem da angústia. Quando, a partir de 9,7, Qohelet exorta positivamente seu leitor a realizar este sentido, abandona suas reticências e expõe com alguns pormenores o conteúdo da felicidade acessível ao homem; vê-se então que não se reduz a gozar do indispensável bem-estar material, mas que o coração é cumulado pelo terro amor de um cônjuge e pela convivência com os outros; a felicidade é dividida, dada e recebida ao mesmo tempo. A celebração da vida culmina em 11,7: “Doce é a luz, e é uma grande felicidade para os olhos ver o sol”.

Não se trata de escamotear a realidade da morte. Querer esquecer o termo por meio de uma vida de dissipação é insensato (7,1-4); o sábio olha-a em rosto e nela reflete, a fim de se conhecer de verdade, a fim também de se lembrar de que sua passagem sobre a terra constitui sua única oportunidade de ser feliz (9,5-10;11,8b;12,1-7). De qualquer forma, não escapará ao declínio da velhice; então, tendo quase acabado sua parte de felicidade, a lembrança das alegrias passadas enchê-lo-á de melancolia, esperando que para ele se apague, definitivamente, a luz.

A sabedoria é normalmente o artífice da felicidade. Primeiramente, sob a forma de competência profissional e de habilidade (9,11-11,6); Qohelet sempre fala em alegrar-se “graças ao próprio trabalho”. O trabalho permite a aquisição daquilo que podemos chamar o suporte material, e às vezes mesmo o sacramento da felicidade humano; assim é ao mesmo tempo recompensado e estimulado. Nosso autor concederia sem dúvida que a altivez da dificuldade vencida e da obra levada a cabo já pertencem à felicidade; com efeito, a perspectiva de ser o homem arrancado às suas realizações pela morte parece-lhe como que uma amputação; é um grande mal (2,18-21); sem dizê-lo tão claramente, Qohelet sentiu que o homem se realiza a si mesmo pelo trabalho. A sabedoria é ainda requerida sob a forma de uma disciplina de vida e de uma reflexão sobre os objetivos a atingir; em 4,4-8 foram-nos apresentados homens que se privavam totalmente de uma felicidade, embora estivesse ao alcance de sua mão. Enfim, é necessário estimar valores de justiça, de lealdade, de confiança recíproca, de solidariedade; onde quer que tenham sido calcadas aos pés, Qohelet viu a infelicidade esmagando o homem.

Referências

- 1 - ARAÚJO, E., Escrito para a eternidade. A literatura no Egito faraônico, Brasília, Ed. UNB, 2000.
- 2 - GILBERT, M., La Sagesse de l’Ancient Testament, Leuven 1990.
- 3 - PRITCHARD, J. (org.), Ancient Near Eastn Texts relating to the Old Testament (ANET), Princeton 3ed. 1969.
- 4 - SCHOORS, A. (org.), Qohelet in the Context of Wisdom, Leuven, BETL, 1998.
- 5 - VILCHEZ, J., Eclesiastes o Qohelet. Verbo Divino, Madrid 1994.
- 6 - WOLFF, H. W., Antropologia do Antigo Testamento, S. Paulo, Loyola, 1975.